

ENTREVISTA Bassam Tariq

Por uma visão menos simplista do Islã

Paquistanês radicado nos EUA, o premiado cineasta Bassam Tariq é um dos TED Fellows, grupo de especialistas que falará hoje na conferência TEDGlobal, no Rio. Na abertura, à tarde, ele explica o que seu 'doc' sobre meninos que vivem na rua no Paquistão tem a ver com seu novo açougue halal

FLÁVIA MILHORANCE
lavia.milhorance@oglobo.com.br

A partir de hoje e até sexta-feira, a Praia de Copacabana, no Rio, será ocupada por pessoas que têm histórias para contar. Não qualquer uma. Trata-se de um seleto grupo de empreendedores que trazem inovações em suas áreas e foram escolhidos a dedo para apresentar uma rápida, porém efetiva, mensagem na conferência TEDGlobal. Abrirão o programa os "TED Fellows", colaboradores selecionados para passar o recado em apenas quatro minutos.

Entre eles está Bassam Tariq, de 27 anos, que é cineasta, jornalista e... açougueiro. E garante que todas essas atividades dialogam entre si. Seu objetivo com elas é desconstruir estereótipos, valorizar a cultura muçulmana, além de cumprir a responsabilidade que sente ter com sua comunidade.

Tariq é paquistanês, mas vive nos EUA desde que tinha 1 ano. Sua família desembarcou de férias e ficou. Foram imigrantes ilegais e chegaram a ser deportados, mas tiveram a sorte, diz Tariq, de conseguir o visto permanente. Do contrário, sua vida teria sido bem diferente. E, embora se considere americano, mantém contato com a família asiática. Da relação surgiram ideias.

A primeira se chama "30 mesquitas em 30 dias", projeto com três edições e replicado em mais de 20 países em que percorreu mesquitas americanas durante o Ramadã. Além disso, é autor do premiado "These Birds Walk" (Estes pássaros andam, em tradução livre), documentário sobre crianças de rua no Paquistão. E, há sete meses, abriu o Honest Chops, o primeiro açougue em Nova York de carne halal (abatida e tratada segundo preceitos muçulmanos).

• Por que trazer a temática muçulmana para seus projetos?

Tenho uma responsabilidade com a minha comunidade muçulmana paquistanesa. Eu amo essa comunidade, e todos os meus projetos compartilham esse amor de diferentes maneiras. Sinto

que quem está de fora não consegue contar a nossa história. Sempre nos colocam como vítimas, com pena. Eles projetam suas próprias ideias na nossa cultura e tiram conclusões simplificadas.

• Por isso seu filme evita tratar diretamente do contexto social paquistanês?

Exato. É um filme sobre humanidade, sobre empatia. Nosso documentário não tem números, só nós com as crianças. Não sei se consegui, mas tentei permitir que as pessoas vissem algo diferente, de outra janela. Queria que sentissem que eles são como nós. Mesmo quando se fala de crianças de rua no Paquistão, essa é uma realidade que ocorre em qualquer lugar do mundo.

• E no TEDGlobal você apresentará projetos que buscam essa diferente visão?

Apresentarei três projetos que vão nessa linha. Além do filme, também criei o blog "30 mesquitas em 30 dias", pois estávamos frustrados com a hipersimplificação da experiência dos americanos muçulmanos. Queríamos adicionar algumas cores, alguma diversidade à narrativa. O projeto ganhou as manchetes e viajou ao redor do mundo. Mais de 20 países participaram em suas próprias aventuras de visitar 30 mesquitas. E recentemente abri um açougue (risos).

• Esse é o ponto mais inusitado. Afinal, por que um açougue?

A carne halal nos EUA era de baixa qualidade, e os animais não eram bem tratados. Quando percebi o que estava ocorrendo, resolvi fazer algo. E não queríamos ficar escondidos numa esquina com o rótulo de "carne para muçulmanos". Então abrimos o açougue no East Village, bairro nobre de Nova York. Com isso, 90% dos clientes nem são muçulmanos, porque, além de tudo, a carne é orgânica e com preço acessível.

• Foi corajoso largar o emprego em agência de publicidade para iniciar o filme. Foi difícil viabilizá-lo?

Foi estúpido (risos). Fomos inicialmente por dois meses e meio para o Paquistão e achávamos que seria suficiente para fazer o filme. Mas não foi, ficamos seis meses. Voltamos falidos. Dormia no chão da casa do meu tio em Nova York. Até que conseguimos financiamento. E tivemos muitos amigos que fizeram trabalhos de graça. Deu certo. Acho que, quando você é verdadeiro com o que faz, as coisas tendem a funcionar melhor.

• Como encontraram e conquistaram a confiança dos personagens?

Falávamos a língua e entramos em contato com a Fundação Edhi, que cuida de crianças de rua. Mas, mesmo assim, para desenvolver uma relação de confiança e conseguir cenas que significuem



TED Fellow. Bassam Tariq é cineasta, jornalista e açougueiro. Em três vias, ele quer quebrar estereótipos da comunidade paquistanesa



Filme. Cena do documentário "These Birds Walk", sobre meninos de rua no Paquistão

“Quem está de fora não consegue contar a nossa história. Sempre nos colocam como vítimas, com pena”

algo, leva uma eternidade. Tem que acreditar que algo virá e ter paciência.

• Embora seja o primeiro filme, você já produzia vídeos para grandes revistas. É uma experiência muito diferente?

Sim, e não gostava. Prefiro fazer coisas por conta própria, é mais forte. Sempre que fazia algo para eles, o título era mudado, o ângulo, editado. O Paquistão só tinha importância por causa da guerra. Se não tivesse guerra no Paquistão, não era notícia. Isso é triste.

• O filme foi bem recebido no Ocidente. E no Paquistão, foi exibido?

Famos exibi-lo no Paquistão, mas ele foi pirateado. E, como já estava em todos os lugares, tiraram dos cinemas (risos). Fi-

quei super feliz, em todo lugar a que ia eu via o meu filme. Mas ainda quero exibir lá. Não quero sentir que passei um tempo lá, abusei da confiança deles e fui embora. Eu sei que tenho o privilégio de poder sair do Paquistão quando quiser. Nos Estados Unidos, vivo num pequeno apartamento no Queens. Mas no Paquistão eu me torno rico. Meu dólar vale 100 rupias, o que me garante uma refeição. A moeda não tem valor. Estou muito atento a isso, sei o que significa viver nos EUA.

• Você se sente um estrangeiro em algum desses lugares?

Antes não me sentia muito em casa lá, mas, depois do filme, sim. Nos EUA também me sinto em casa. Talvez hoje combine um pouco dos dois. Falo o urdu e tento falar nessa língua com meu filho, pois quero que ele saiba de onde eu vim, que ele vá ao Paquistão, conheça os bisavós... É importante.

• O que você acha que é importante manter da cultura paquistanesa?

O que eu amo de lá são os valores, a família, a partilha. O americano é mais individualista. Com o açougue, quando entra um cliente, eu sei o que ele vai comprar. Se for um empresário, engratado, sei que vai pedir um pedaço de bife para ele, a mulher e o filho. Se for muçulmano, vai levar uma peça que servirá muitas pessoas. Nós gostamos de compartilhar e receber pessoas. ●

Pedras para Satanás em ritual de peregrinação

Ritos, sacrifícios e orações fazem parte do Hajj anual na Arábia Saudita

-MECA, ARÁBIA SAUDITA - Cerca de dois milhões de fiéis muçulmanos realizaram ontem, pelo segundo dia consecutivo, o ritual do apedrejamento de Satanás em Mina, a cinco quilômetros da cidade sagrada de Meca, na Arábia Saudita, última etapa da peregrinação anual, o Hajj. Eles lançavam pedras em direção

aos três pilares que representam o diabo, segundo a tradição muçulmana.

Durante o ritual, 12 pessoas foram atingidas pelas pedras e ficaram feridas, de acordo com informações do Departamento de Defesa Saudita. Três já foram liberados, e os demais continuam internados, mas não correm riscos. Cerca de 85 mil agentes de segurança estão de prontidão para acompanhar a peregrinação, que é um dos cinco pi-

lares do Islã e que todo muçulmano deve cumprir uma vez na vida, caso tenha recursos. Pelo menos 1,3 milhão de peregrinos é do exterior.

Na sexta-feira, os peregrinos muçulmanos se deslocaram de Meca para o Monte Arafat, em Mina, onde se acredita que o profeta Maomé deu seu último sermão. Orações e sacrifícios de animais também fazem parte da peregrinação, que terminará nos próximos dias. ●



Ritual. Peregrinos muçulmanos lançam pedras contra Satanás. Ato faz parte do rito da peregrinação anual a Meca